



CULTURA DE CANCELAMENTO EM ANÁLISE: DISCURSO, MÍDIAS, IDEOLOGIA(S)

João Victor da Silva Carvalho¹

INTRODUÇÃO

A reflexão apresentada é um recorte da dissertação “*Os movimentos do discurso nas práticas da cultura de cancelamento: sujeito, ideologia, midiatização*”², defendida na linha de pesquisa Análises textuais e discursivas de práticas sociais, na área de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Neste trabalho, busco produzir uma reflexão que contribui, a partir do quadro teórico da Análise de Discurso Materialista (AD), para a compreensão da cultura de cancelamento como prática discursiva.

Compartilho um pequeno recorte do material analisado, que faz parte da sessão analítica “O funcionamento discursivo nas práticas discursivas da cultura de cancelamento - o caso Karol Conká”, e teve como perguntas norteadoras: ‘O que coloca o sujeito nessas posições, seja de “cancelador” ou “cancelado”?’ e ‘Qual ou quais relações de poder (emergentes) atravessam essa prática?’” Passemos ao recorte:

¹ Mestre em Letras pela Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE). Membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/CNPq). Professor de Língua Portuguesa da Secretária de Educação e Esportes (SEE/PE).

² Disponível em:

<https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/58620/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Jo%C3%A3o%20Victor%20da%20Silva%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Recorte 1 – Seis motivos

BBB

Seis motivos que fizeram Karol Conká ser rejeitada no BBB21

Karol enfrenta o paredão nesta semana. Na internet, telespectadores estão dispostos a eliminar a cantora do reality show

Marcela Brito
23/02/2021 09:00, atualizado 23/02/2021 09:00

Compartilhar notícia



Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/karol-conka-eliminada-bbb21-seis-motivos>. Acesso em: 19 abr. 2024.

A notícia do Jornal Metrôpoles coloca em funcionamento o *discurso de cancelamento*, que entendo como aquele cujo efeito é a própria argumentação em torno daquele que se espera cancelar, é quando reproduz-se a narrativa que cancela, o discurso midiático está colocando em circulação esse discurso.

No enunciado verbal que compõe a notícia, lê-se: *Seis motivos que fizeram Karol Conká ser rejeitada no BBB21 e como subtexto*: Karol enfrenta o paredão nesta semana. Na internet, telespectadores estão dispostos a eliminar a cantora do reality show. Na nomeação do acontecimento, o Metrôpoles retoma os termos rejeitada e eliminada, produzindo uma narratividade específica (Mariani. 1996), que apregoa os motivos do cancelamento de Conká: Karol é cancelada/rejeitada por seis motivos enfrentando a disposição do público em eliminá-la da competição televisionada, fazendo comparecer os discursos *de cancelamento*, aqueles que, do lugar institucionalizado no qual se ancora a narratividade jornalística, e que contraditoriamente produzem a “homogeneidade da internet”, elucidam para o sujeito-leitor os motivos pelos quais alguém é cancelado. Essa narratividade do jornal consiste na apropriação dos dizeres do público que sustentam a argumentação de cancelamento da artista, de modo que *retirada, rejeição e*

eliminação marcam as consequências dos atos cometidos, julgados e condenados que a levaram ao cancelamento.

ANÁLISES

O texto do portal Metrôpoles segue na tentativa de explicar para seus leitores que apesar de disputar a permanência no reality show com outros participantes “pelo público, a cantora é dada como eliminada.” O texto segue, portanto, respondendo à seguinte pergunta: “O que Karol Conká fez para merecer tamanha rejeição fora da casa?” E para isso, toma posição: “O Metrôpoles elencou seis situações protagonizadas pela curitibana que deram o que falar nas redes.”

Ao tomar este material para análise discursiva, a partir das questões de pesquisa, me faz retornar à questão do imaginário, ou, das formações imaginárias, tal como teorizou Pêcheux (2010). Em *Análise Automática do Discurso* (2010, p. 81-82), Pêcheux coloca a seguinte hipótese:

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] esses lugares estão representados nos processos discursivos que são colocados em jogo [...] ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado. Em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

As formações Imaginárias (FI_m), na teorização de Pêcheux, estão relacionadas às imagens virtuais (no sentido de projeções) que são mobilizadas no seio de uma determinada prática discursiva, constituindo parte das condições de produção e funcionamento do discurso. Na leitura do recorte “Seis motivos”, as causas do cancelamento de Conká jogam justamente com essas imagens produzidas no e pelo discurso de quem cancela a artista. Portanto, interpreto que as formações imaginárias que representam a imagem da mídia e do público sobre si, sobre Karol Conká e sobre o cancelamento) e também a imagem de Karol Conká sobre si própria, sobre a mídia e o público e sobre o cancelamento) são atravessadas por relações de poder que “se exercem níveis variados e em pontos diferentes da rede social” (Machado, 2023, p. 15) e que apontam para uma ordem disruptiva na qual o Aparelho de Estado não é mais o centro de poder, mas disputa lugar com novas e outras relações de poder e regimes de verdade que “possuem tecnologia[s] e história[s] específicas” (Machado, 2023, p. 16 – grifo meu), modos outros de se

exercer a dominação e de determinar a constituição da subjetividade. Entretanto, por se tratarem ainda de formações imaginárias que ganham corpo na/pela linguagem, sigo pensando junto com Pêcheux (2010, p. 85), para quem as FIm são sempre atravessadas pelo “já ouvido e o já dito”, o que implica na historicidade/historicização dessas formações. Nessa esteira de reflexão, entendo que embora afetadas e constituídas na/pela materialidade digital, as FIm em jogo nas práticas de cancelamento são históricas. Dito de outro modo, tem sua própria história e, ao mesmo tempo, ligam-se à história da divisão social pelas relações de poder, dentre elas as relações de classe, de gênero e de raça.

Ao questionar sobre como essas relações de poder comparecem ao longo do texto do *Metrópoles*, emergem estratégias de responsabilização que motivam o cancelamento de Conká, sendo elas: Acusações de Xenofobia³; Abuso psicológico de Lucas Penteado⁴; Briga com Carla Diaz⁵; Relação com Bil⁶; Discussão com Camilla⁷; Comportamento tóxico⁸.

Na trama que se enreda no decorrer do texto do jornal, cada motivo é sustentado por falas da artista que tornam visíveis os comportamentos e as atitudes acima elencadas. Cenas gravadas e recortadas que testemunham e não deixam dúvidas do descompasso evidente entre o discurso e a prática, entre aquilo que o sujeito afirma no fio do seu discurso e o que se materializa sem seu controle. O peso do cancelamento de Karol se dá pelo encontro com suas palavras e falas públicas, pelos discursos invocados e evocados pela artista nas suas composições, performances e no próprio programa. O cancelamento se dá pela contradição exposta do lugar de fala dado a ver pelo público nas/pelas mídias, nessa dinâmica, o discurso e a prática devem seguir a mesma direção, e é nessa crença pragmática que se sustenta o discurso cancelador de Conká.

³ Disponível em: <https://x.com/furwcao/status/1355195352928940034>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁴ Disponível em: <https://x.com/comentaatudo/status/1363882132066734080>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁵ Disponível em: <https://x.com/millenabarb0sa/status/1358353527727419392>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁶ Disponível em: <https://x.com/millenabarb0sa/status/1358353527727419392>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁷ Disponível em: <https://x.com/eusousamir/status/1363208586202132484>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁸ Disponível em: <https://x.com/Nailahnv/status/1363169394952712192>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Do ponto de vista discursivo-materialista, a contradição, a falha e o equívoco são constitutivos da própria subjetivação, pois deixam marcas no sujeito e na sua enunciação. Essas marcas aparecem simbolicamente e relacionam-se: tanto à interpelação ideológica, que não é plena e absoluta, uma vez que os “processos de identificação se caracterizam como um movimento contraditório de reconhecimento/desconhecimento do sujeito em relação às determinações do inconsciente e da ideologia que o constituem” (Zoppi-Fontana, 2018, p. 64); quanto à língua, que não é apenas um sistema formal e transparente, do qual o sujeito-enunciador apropria-se à revelia, mas sim “a forma material enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentidos” (Leandro-Ferreira 2003, p. 196). Conká sofre pelas suas contradições, por performar uma agentividade que está longe do seu controle, pois como sujeito, está sujeita ao atravessamento do inconsciente, que faz mover o interdiscurso das formulações, irrompendo com força enquanto erros, tropeços, desvios de uma trajetória que deve ser coerente.

Embora tanto Karol, quanto o público espectador que decide por cancelá-la, sejam interpelados enquanto sujeitos-pragmáticos (Pêcheux, 2015, p. 33), o trabalho com as formações imaginárias abordado mostra que não se enxergam nessa condição de assujeitamento. Do contrário, a evidência produzida para esses sujeitos pela espetacularização transmidiática do Big Brother Brasil é de que quem ocupa a posição de espectador tem o poder na mão. Essa evidência materializa-se em enunciados como “o bbb é um jogo da vida real”, “o bbb é mais do que entretenimento”, “o bbb é um reflexo da sociedade”. Tomado por essas evidências e afeito pelo desejo de controle, o público vota, elimina, cancela, pois é autorizado a isso. Cada fala, cada gesto, gravado, assistido, reproduzido, compartilhado e pulverizado em/na rede. “Provas de um crime” colocadas em arquivo, arquivos com acesso vulgarizados, sujeitos-usuários desejanter por formas pornográficas de exposição.

CONCLUSÃO

Com base nas análises empreendidas, sistematizo a resposta para as duas perguntas primeiras dessa seção:

I) O que coloca o sujeito nessas posições, seja de “cancelador” ou “cancelado”? Para ocupar tais posições, de cancelador e de cancelado, é preciso que os sujeitos estejam inscritos na rede digital. É por estar inscrito que o sujeito autoriza a si mesmo a cancelar outro sujeito. As práticas que levam ao cancelamento (aplicação da punição ao culpado) dependem do regime de verdade e de moralidade que funcionam em determinadas condições de enunciação. Ocupando um lugar (virtual) na rede, tanto o sujeito-cancelador como sujeito-cancelado estão enredados pelas formações imaginárias e ideológicas que balizam o ritual na internet. É com base nessas formações (imaginárias e ideológicas) que se estabelece aquilo que pode e deve ser dito, mas também, o que será aceito, o que será aplaudido e o que será rechaçado.

II) Qual ou quais relações de poder (emergentes) atravessam essa prática? Há, inegavelmente, relações de poder que constituem o cancelamento, e outras que se atravessam. Diria que a força da lei e o desejo de punir (remontando as formas de suplício) são relações de poder históricas que constituem a prática de cancelamento, pois tem a ver com sua historicidade. Essas relações históricas são atravessadas por outras relações, como a racialidade, o gênero e classe social de quem opera o cancelamento e de quem o sofre, relações essas que também possuem sua história.

As análises permitem dizer ainda que há um aspecto que sobredetermina os outros dois (sujeitos e relações de poder): o assujeitamento às mídias e tecnologias. Assim, aponto para uma relação indissociável entre o cancelamento e o consumo de narrativas e estereótipos numa sociedade digital(izada). Isso porque, independentemente da perspectiva que se ocupe na discursivização do cancelamento, seja cancelando ou sendo cancelado, a sua performatização se dá através das estruturas algorítmicas que sustentam as redes sociais digitais, as plataformas de streaming e a conectividade dos satélites. É preciso lembrar que a moeda de troca das redes é o acesso, acesso esse que gera frações de centavos, números incontáveis de likes e diversas formas de adesão a certas posições ideológicas. Cancelar é uma forma das empresas de mídia e, conseqüentemente, de tecnologia manterem o lucro na saturação do já-visto, acumulando capital pela saturação do olhar.

REFERÊNCIAS

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In*: **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2023.

MARIANI, Bethania Sampaio Correia. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, v. 12, n. 18, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457>.